



## Inovação biotecnológica ao serviço da agricultura

### Encerramento

Actualmente, põe-se a questão de como podemos assegurar que os agricultores europeus e a indústria agro-alimentar podem produzir mais alimentos, baratos e de uma forma cada vez mais sustentável.

Em 5 - 6 anos, muito do *status quo* mudou e as directrizes / metas que estão apontadas pela Comissão Europeia no «Pacto Ecológico Europeu» e na estratégia «Do Prado ao Prato», foram elaborados tendo por base uma conjuntura nacional e internacional que nada tem a ver com a realidade actual.

A estas ambições podemos ainda acrescentar a proposta de regulamento para o uso sustentável de pesticidas elaborada pela DG Saúde da Comissão Europeia que, a curto-prazo, cria inúmeras restrições ao uso de produtos fitofarmacêuticos, até hoje uma das principais “armas” no combate a pragas e doenças.

Tudo isto acontece, sem que sejam avançadas verdadeiras soluções alternativas que sejam exequíveis para os agricultores e consequentemente para os consumidores, sem que se assegure a existência de alimentos em quantidade, seguros e acessíveis em termos de preço e sem que sejam realizados estudos de impacto sobre a aplicação destas supostas metas.

Ou seja, paulatinamente, a produção e a produtividade têm deixado de ser o principal foco da PAC e a “robustez” que estas duas componentes tiveram noutros tempos têm vindo gradualmente a ser relegadas para segundo plano.

Cabe-nos a nós, portanto, não perder este foco. Actualmente, fala-se muito em sustentabilidade. Mas é necessário não esquecer que a componente económica tem aqui um papel fundamental, já que sem esta nunca haverá sustentabilidade social e ambiental, por mais nutritivas ou amigas do ambiente que sejam as culturas.

Sem o pilar económico, pura e simplesmente estas produções nunca serão opções viáveis para os agricultores que, tal como o resto da população, aspiram a condições de vida dignas.

Desde o final dos anos 80 que a área da biologia molecular e da biotecnologia tem sofrido uma profunda evolução, o que levou ao desenvolvimento de ferramentas agronómicas poderosas, com uma vasta área de abrangência.

De tal modo que, em 2020, o Prémio Nobel da Química foi atribuído às duas cientistas que desenvolveram a tecnologia da edição do genoma.

No entanto, é necessário continuar a combater a falta de informação e a abundante contra-informação que actualmente existe na sociedade em geral, nomeadamente e por exemplo, no que concerne à aplicação das Novas Técnicas Genómicas (NTG).

Esta situação tem vindo a originar imposições legislativas que não são mais do que o retrato de um poder político débil e hipócrita, que relega a ciência para segundo plano, em troca de objectivos pouco claros, aproveitando para esses fins a existência de uma opinião pública totalmente ignorante sobre estas matérias.

Face à actual conjuntura já se percebeu que a importação maciça de bens alimentares não é a melhor solução e é neste quadro que a

biotecnologia surge como um instrumento vital para apoiar a inovação no sector alimentar, sendo uma das principais componentes, a par da digitalização, que tem de ser utilizada para que os agricultores possam, com o mínimo de impactos negativos, caminhar ao encontro dos 3 pressupostos da sustentabilidade, sem que nenhum deles se sobreponha aos outros 2.

O tempo urge e não podemos estar dependentes de um melhoramento vegetal convencional que demora entre sete e dez anos ou de uma legislação europeia que insiste em modelos do passado e que impede os agricultores europeus de serem competitivos e rápidos na sua adaptação aos mercados e às condições ambientais, que se alteram todos os dias.

Depois destas intervenções, que desde já agradeço em nome da CAP, penso que a conclusão óbvia é que o futuro da agricultura passa pela intensificação e inovação sustentável, ou seja, aquela que assenta em compromissos biunívocos entre as empresas, a investigação aplicada e o sector agrícola.

Tal como foi referido na abertura deste evento, este é o objectivo que a CAP e a Pbio estabeleceram: uma sinergia cada vez maior entre os actores do desenvolvimento da tecnologia (ciência e empresas) e os produtores agrícolas como utilizadores destas ferramentas.

O objectivo é desenvolver uma estratégia comum a nível nacional, tendo em vista fomentar a inovação biotecnológica no sector através do desenvolvimento de novos produtos diferenciadores e de soluções que levem ao aumento dos rendimentos e da valorização dos recursos.

Santarém, dia 07 de Junho de 2023

Jorge Azevedo